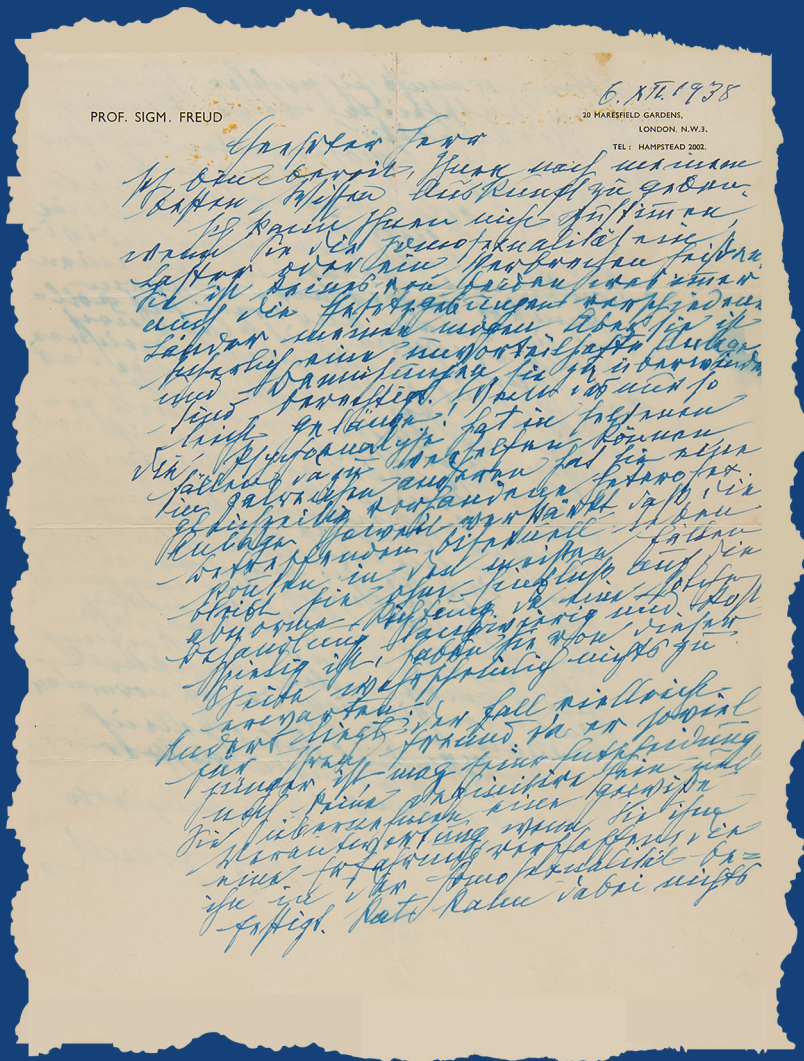
Psicanálise e homossexualidades

Teoria, clínica e biopolítica

2ª edição - Revista e reconfigurada



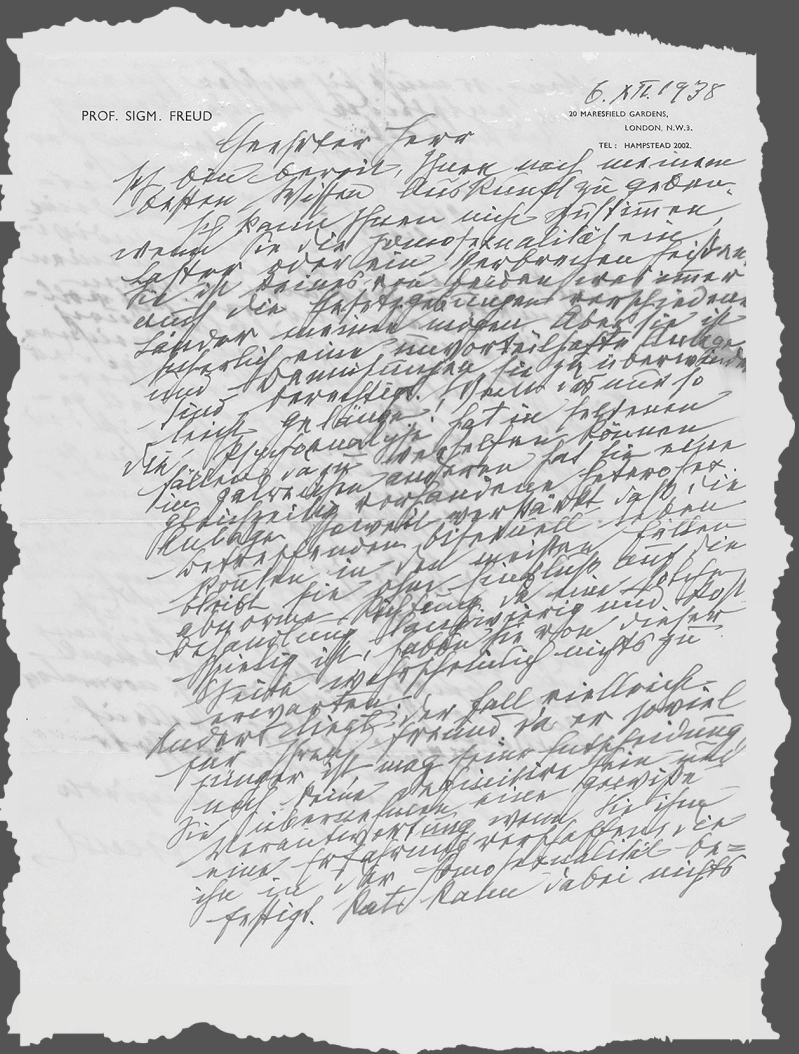
INM Editora

Thamy Ayouch

Psicanálise e homossexualidades

Teoria, clínica e biopolítica

2ª edição - Revista e reconfigurada



INM Editora

Thamy Ayouch

Copyright © 2025 Thamy Ayouch

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes
Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes
Tradução das citações: Thamy Ayouch
Revisão Ortográfica: Alba Lúcia Dezan
Revisão Técnica: Sergio Gomes
Preparação de Texto: Alba Lúcia Dezan e Sergio Gomes
Capa e Diagramação: Benjamin Castro
Imagem da Capa: Carta de Freud à mãe de um homossexual, 1935.
Marketing: Tatiana Sayumi Seki

Coleção Berggasse 19 – Estudos Psicanalíticos
Diretor Científico: Sergio Gomes
Consultores: Cristiana Pondé | Daniel Kupperman | Daniel Schor
Elisa Cintra | Eugênio Canesin Dal Molin | Fátima Flórido
Gustavo Dean-Gomes | Lucas Charafeddine Bulamah
Neyza Prochet | Renata Udler Cromberg | Thais Klein

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora
Avenida Paulista, 326 - Sala 41 - Bela Vista — São Paulo-SP CEP: 01307-002, Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br | inmeditora.com.br
Instagram: @inmeditora | Facebook: /inmeditora

AGRADECIMENTOS

Ao meu grande amigo Oswaldo Ferreira Leite Netto, agradeço a oportunidade que me ofereceu de apresentar a minha pesquisa no grupo de estudo "Psicanálise e homossexualidade" da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. As discussões com o grupo me permitiram esclarecer e enriquecer diversos aspectos do meu pensamento.

Agradeço também à minha querida amiga Alba Lúcia Dezan a revisão tão cuidadosa e carinhosa do português dessa segunda versão do livro.

Prefácio

A homossexualidade não existe. Existem "as homossexualidades". Passada a época em que nos esforçávamos, como psicanalistas, para encontrar uma teoria unitária para a etiologia ou para a dinâmica da homossexualdiade, hoje vemos as homossexualidades, pela sua maior visibilidade social e jurídica, interrogarem a psicanálise. Entre esses dois movimentos tivemos a luta dos movimentos gays e lésbicos pelo direito de não serem reconhecidos como doentes por sua orientação afetiva e sexual; tivemos, com a ajuda da história, antropologia, sociologia e outros campos do saber, a desconstrução de uma identidade — o/a homossexual fundada em um determinado contexto (final do século XIX) que nada tem de universal; tivemos, ainda, no interior da própria teoria e prática psicanalíticas, autores como Robert Stoller, para quem a palavra homossexualidade era usada de tantas maneiras que, a menos que se tornasse claro como ela estava sendo empregada em um dado momento, os significados excedentes impossibilitavam nossa compreensão. Pois, afinal, a que ela dizia respeito? Ao desejo consciente erótico por pessoas do mesmo sexo? À prática de relações eróticas com uma pessoa do mesmo sexo? Aos desejos inconscientes, tão caros à psicanálise? Ou ainda, a tipos de defesa que se evidenciaram através de uma leitura da dinâmica psíquica posta em cena numa análise?

Remontando a Freud, como pai da psicanálise, vemos a homossexualidade ser abordada como "inversão" no primeiro de seus *Três ensaios sobre uma teoria sexual*, em 1905. De uma forma bastante honesta, ele nos mostra como muito pouco se pode falar sobre a homossexualidade num sentido totalizante. Seu raciocínio vai no sentido de uma desconstru-

ção do instinto sexual e ele faz uso da inversão para começar a operar essa desmontagem. Freud acaba por concluir pela existência de várias formas de inversão. Tenta traçar alguns elementos comuns entre elas, como uma presença maior de um amor narcísico. Aborda a existência de um sujeito mais "feminino" em alguns casos. Em outros, trata-se do objeto ser mais "feminino". Freud parte da bissexualidade psíquica como solo a partir do qual se desenvolve tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade. Em resumo, já nessa época, admite que ela é uma potencialidade humana e pode se manifestar sob inúmeros aspectos.

No entanto, por um estranho caminho, que hoje se busca analisar, a compreensão da homossexualidade em suas inúmeras manifestações, que é o que nos permite falar em homossexualidades, foi post ade lado e, diante de uma "psicanálise oficial", surgida do enrijecimento do pensamento e da prática psicanalítica através de instituições que assumiram sua regulamentação, surgiu também uma espécie de "homossexualidade oficial". Obviamente não podemos isentar Freud de uma parcela de responsabilidade sobre o que aconteceu. Certas passagens em sua obra permitem estabelecer uma relação com poucas tensões entre a homossexualidade e o preconceito ou entre a homossexualidade e a patologia. A homossexualidade oficial atravessou o século XX como uma doença de uma personalidade que frequentava a categoria da perversão. Mas, para o bem da humanidade e de sua potência criativa, outras tantas passagens do texto freudiano nos oferecem plenas condições de encontrar na sexualidade humana — em todas as dimensões que este conceito psicanalítico nos permite mergulhar — aquilo que há de capacidade de transformação individual e social. Afinal, a sexualidade interroga e provoca: nos estabelece como

fora de nós mesmos.

No livro de Thamy Ayouch, a psicanálise é mais uma vez provocada a responder a que veio. O livro se insere num contexto em que mudanças e transformações sociais não passam ao largo da psicanálise e dos psicanalistas, mas cobram críticas, posicionamentos e, por vezes, engajamentos em questões contundentes. A ditadura militar com seus mortos, desaparecidos e torturados exigiu posições, a imigração maciça nos últimos anos e suas consequências também têm pedido alguma forma de compreensão e atitude, a violência contra as mulheres e contra a população LGBT, o abandono de crianças e adolescentes, o consumo desenfreado, as crises político-institucionais, enfim, uma série de acontecimentos nos últimos cinquenta anos têm como efetio uma postura, não apenas dos jovens, mas daqueles que assistiram estupefatos a diferentes modos de violência, de buscar explicações e compreensões acerca do que move nossos atos. Por outro lado, inovações artísticas, tecnológicas, corporais, afetivas, sexuais, também colocam desafios à compreensão e também pedem posicionamentos críticos, apoios e auxílios.

Thamy Ayouch é psicanalista, com a erudição e o rigor de alguém formado em filosofia, com a paixão de quem estuda literatura e com o vigor político de quem não enxerga a psicanálise presa numa redoma de cristal, mas, pelo contrário, imbuída da tarefa de proporcionar um mundo melhor, principalmente para aqueles que sofrem algum tipo de violência e coerção social. Nos últimos anos, tem vindo ao Brasil como professor visitante da Universidade de São Paulo e dado conferências em várias outras universidades (SP, RJ, PR, BA), em institutos e sociedades de formação de psicanálise e participado de reuniões com ONGs e movimentos sociais LGBT. Suas principais interações teóricas a partir da psicanálise se

dão com a filosofia, as teorias feministas, os estudos de gênero, a teoria *queer* e os estudos pós-colonialistas.

Seu trabalho leva à interrogação da psicanálise atual sob inúmeros aspectos, a partir de uma mudança radical na forma da sociedade lidar com a homossexualidade. Sugere que o pensamento de Michel Foucault e as teorias de gênero são fundamentais para fazer sair a homossexualidade do campo da patologia ou da abjeção, risco ainda existente conforme posições tomadas por alguns psicanalistas. Seu rigor teórico, seu comprometimento político e seu incansável trabalho de pesquisador da teoria freudiana — que resultam na obra aqui apresentada — contribuem sobremaneira para a reflexão tão necessária dessas questões no Brasil. Apesar do interesse crescente e do grande número de obras relativas às questões de gênero e de sexualidade nas ciÊncias sociais e na educação, a psicologia e a psicanálise ainda têm muito a avançar nesse campo, não apenas no âmbito universitário, mas também no interior das instituições, sociedades e escolas de formação de psicoterapeutas e psicanalistas.

Thamy Ayouch assume um papel que, de certa forma, Judith Butler vem fazendo: provocar a psicanálise, apontar os efeitos negativos de postulados teóricos, conceitos e passagens de texto que reiteram uma posição conservadora e preconceituosa. Será que um psicanalista consegue fazer esse papel? Será que consegue ter a dimensão do excluído, do marginalizado, do ser abjeto para o qual Butler aponta? Esse é o mérito do livro aqui apresentado. Pelo avesso da psicanálise, pela análise dos discursos psicanalíticos, pela obra de Michel Foucault, busca-se resgatar a psicanálise de seu engessamento teórico, político e social. A psicanálise, ou melhor, as psicanálise (que apesar de serem muitas, têm um solo em comum) precisam trabalhar a favor e contra elas

mesmas. A favor, pois continua sendo uma teoria potente para pensar as sexualidades. E contra, quando precisa rever conceitos e até mesmo dispensar alguns. O mesmo se pode dizer dos psicanalistas. O trabalho é o de analisar a contra-transferência, dissolver posições enrijecidas, encontrar a ética que deve nos guiar a todos na escuta do inconsciente.

Como diz Thamy Ayouch, "a teoria psicanalítica deve permanecer sempre aberta a reorganizações e re-escritas que confrontem as certezas conceituais do/a analista à análise da transferência". Nos passos de Jean Laplanche, Ayouch dirá que ao se fechar para a evoluão da clínica e da história, a teorização psicanalítica se torna um processo "autoerótico do núcleo pulsional do/a teorizador/a, que favorece só o nível das teorias infantis espontâneas". Essas últimas são a-históricas e a-temporais e tem todo o direito de sê-las. Mas a psicanálise não! Para ela, o tempo não pára e o sofrimento humano, tão pouco. Há trabalho a ser feito!

As homossexualidades permaneceram anos ocupando lugar entre as mazelas da condição humana, menos pelo que elas apresentavam em si, mas principalmente pelo rechaço social que sofreram em diferentes épocas de sua existência. MAs as homossexualidades também podem ser vistas como inovações, na medida em que hoje existe o "casamento gay", a adoção homoparental, a visibilidade dessa forma de enlace afetivo e sexual e que ganhou legitimidade no âmbito jurídico. É bem verdade que isso não foi sem um grande embate, como se pode atestar no caso da França, país em que vive o autor.

Aceitar a imposição das normas que sempre regeram, e por vezes ainda regem, as condições e os limites das sexualidades e também dos gêneros é apenas um modo de submissão a uma norma social histórica e culturalmente definida,

incluída em jogos de poder particulares. Essa simples aceitação não seria um ato psicanalítico, diz o autor, mas uma busca da manutenção da ordem social. A psicanálise foi feita para transformar.

No cenário psicanalítico atual, Judith Butler tornou-se uma grande interlocutora. Foi ouvida por inúmeros grupos de psicanálise. Muitos acolheram suas ideias e se puseram a trabalhar a partir de suas provocações. Outros simplesmente rechaçaram-na por ela não falar a mesma língua e não adotar o vocabulário psicanalítico e a própria argumentação psicanalítica. Isso é obviamente uma contradição, pois se ela pensasse com as mesmas categorias e com a mesma lógica, nada de novo estaria sendo dito. Que o mesmo destino tenha Thamy Ayouch e sua obra. Que provoque e seja ouvido por muitos. E que dispense os ouvidos que apenas desejam mais… do mesmo!

Patrícia Porchat[1]
São Paulo, 10 de agosto de 2015

1 Psicanalista; Professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru); com Doutorado em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e Pós-Doutorado pela Université Paris VII - Denis Didetot.

Sumário

5 **Agradecimento**
6 **Prefácio**
13 **Introdução**
21 **Tribunos/as de uma plebe rançosa**
37 **Detrás do templo do saber**
Certezas teóricas
A vida dos/as pacientes infames

58 **O circo psiquiátrico**
65 **As homossexualidades de Freud**
Um ativista, porém... infantil.
Histórias das mil e umas etiologias
Três Ensaios, dois sexos, e várias ficções
Bi...
Cada lésbica é um planeta...
A perversão atrás dos sentimentos sociais
Conclusões provisórias

89 **Pensando com Foucault**
Bem junto da psicanálise, tudo contra ela
Corpos, prazeres e vínculos

103 **De/generando a psicanálise**
Gênero performados, corpos melancólicos
A identidade: um crime de paixão
O sermão do Simbólico
A psicanálise tem gênero?

116 **Considerações finais**

Referências

Introdução

Ao colocar a questão da sexualidade infantil no centro do inconsciente, a psicanálise pode dar lugar a considerações sobre a sexualidade e a sexuação que se revelam abusivas. Como psicossexualidade ou sexual-infantil polimorfo, a sexualidade constitui o fundamento da transferência e se revela central na cura. Mas em psicanálise, a sexualidade não remete ao sentido comum. Desde os seus primeiros escritos, Freud desvincula a pulsão de qualquer objeto fixo[1]. Neste sentido, o sexual-infantil, na sua dimensão polimorfa, é concebido como um "ganho de prazer" irredutível à satisfação de uma função vital: a prática sexual é apenas uma entre mil manifestações do sexual-infantil (Freud, 1905a). Portanto, a psicanálise não se interessa pelos fenômenos visíveis das práticas sexuais, mas pelas suas expressões não aparentes, recalcadas, inconscientes.

Como destaca André Green (1997) em *Les Chaînes d'Éros* [As Correntes de Eros], este sexual-infantil, independentemente da forma histórica das suas manifestações, constitui o alvo da psicanálise. Porém, apesar da fineza que caracteriza suas análises teóricas e seu novo retorno a Freud, Green acaba desconsiderando as mudanças da realidade exterior, da história e da clínica, e apresentando visões da sexualidade bastante caricaturais desprovidas de qualquer fundamento clínico. Ele chega a sustentar que a questão das fantasias originárias (a cena primitiva ou o complexo de Édipo) não deve depender das vicissitudes da história e das circunstâncias do entorno. Desvinculando a sexualidade infantil de qualquer

1 "É provável que o instinto sexual seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste" (Freud, 1905a, p.38).

forma histórica da sexualidade, Green revela preconceitos surpreendentes: na homossexualidade feminina, o pênis do homem provocaria um nojo e uma hostilidade estendida a todos os homens, considerados como estupradores pelas feministas. Por sua vez, a homossexualidade masculina é reduzida a um horror da vagina e à recusa da diferença sexual. Seguramente de forma involuntária, Green levanta a questão de saber o que acontece quando psicanalistas pretendem falar de um sexual-infantil absolutamente separado das formas sociais de prática da sexualidade, desmentindo a historicidade do próprio posicionamento subjetivo e da própria clínica.

Sustento aqui que uma visão meramente intra-psíquica do sexual-infantil, desvinculada da relação social e do contexto histórico, dá lugar a uma concepção normalizadora da sexualidade que descarta sua determinação histórica e institui, dessa maneira, uma norma e patologias. A norma herdada do modelo da família conjugal valorizado pela psiquiatria social caracteriza a prática sexual "normal", heterossexual, como coito *membrum hominis in vaginae feminae*, patologizando qualquer outra prática sexual. Um tema recorrente nestas considerações é a homossexualidade, abordada por inumeráveis psicanalistas que, muitas vezes, deformaram, radicalizaram ou des-historicizaram posturas do próprio Freud. Contudo, a visibilização atual de formas minorizadas de relação entre os gêneros, assim como a mudança da ordenação do vínculo social e das modalidades de aliança e filiação revelam-se decisivas nestes debates. O maior reconhecimento social da homoeroticidade, da homoafetividade e da homoparentalidade não deixa de dirigir várias perguntas aos modelos psicanalíticos que pretendem dar conta da homossexualidade. Trata-se essencialmente de questionar a

vigência atual de modelos ainda muito usados que apontam o "narcisismo patológico do homossexual", a "recusa da diferença sexual", a "fixação e identificação ao primeiro objeto", ou o "caráter arcaico, ante e anti-edípico da sexualidade homossexual", entre outras maldições.

A questão da relação entre psicanálise e as homossexualidades apresenta provavelmente, através de uma lente de aumento, a relação de uma psicanálise *mainstream* com as categorias do gênero, das sexuações e das sexualidades. Abordar a psicanálise a partir das homossexualidades levanta também várias outras questões relativas ao valor da teorização, à relação entre singular e geral, à cientificidade da teoria e ao seu anseio de universalismo, ao valor metafórico da teorização e ao vínculo entre a teoria, a clínica e a política.

Para abordar essas questões, cabe primeiro esclarecer o substantivo singular abstrato e pouco preciso "psicanálise", que remete a uma disseminação de discursos e práticas — psicanálises freudianas, lacanianas, winnicottianas, kleinianas, jungianas — e outras perspectivas que não precisam se legitimar por uma afiliação a um nome. Na prática, pode haver tantas psicanálises quantos psicanalistas. A unidade apontada aqui é epistêmica e ética: psicanálise é a perspectiva que visa um paradoxal "saber do inconsciente" que desconstrói a própria noção de saber e suas categorias positivas. A ruptura epistemológica do discurso analítico consiste em apontar os limites de todo processo cognitivo inscrito numa visão positiva do saber e a sua infiltração por motivações outras que aquela do saber (destinos pulsionais no plano subjetivo e jogos de poderes no plano coletivo). Todo discurso, inscrito nos processos secundários da linguagem e da lógica, se fundamenta nos processos primários que escapam a todas as regras de constituição do saber.

O que é então este "saber do inconsciente"? É aquele que visa à enunciação e não aos enunciados. A significância de um discurso, clínico ou teórico, não reside nos diversos sentidos positivos articulados pelos seus conteúdos, mas na sua origem e no seu destino: quem fala, pergunta Freud, e para quem está dirigida a fala?

Por consequência, o discurso analítico não pode se isentar dessa crítica que endereça aos outros discursos e se eximir de questionar a própria enunciação. A questão de como as homossexualidades são pensadas pela psicanálise é um ângulo privilegiado para questionar o discurso analítico e identificar os seus pontos impensados. Quando se fala de homossexualidade na teoria e na clínica, quem fala, a quem está dirigido este discurso e que ontologia revela?

Se a homossexualidade durante muito tempo constituiu um problema para a teorização psicanalítica, tanto no que diz respeito aos/as analisandos/as quanto aos/às analistas, a evolução jurídica em muitos países que reconheceram a união de parceiros do mesmo sexo e a homoparentalidade introduziu uma ruptura histórica. Parece estar ocorrendo uma verdadeira "inversão da questão homossexual" (Fassim, 2008). Se, paralelamente a uma série de "saberes" desenvolvidos sobre a sexualidade, a psicanálise se interrogou sobre a homossexualidade durante mais de um século, hoje são as homossexualidades, pela sua maior visibilidade social e jurídica, que questionam todas estas disciplinas. Porém, ao considerar as relações da psicanálise com as homossexualidades, não se trata tanto de constituir saberes sobre a etiologia ou a lógica psíquica das homossexualidades, mas de analisar a hostilidade teórica, clínica, contratransferencial provocada por esta escolha de objeto.

Portanto, considero aqui seriamente a inversão apontada

por Eric Fassin e não pergunto o que a psicanálise pode dizer sobre a homossexualidade e outras organizações do vínculo social, mas o que estas novas questões vêm revelar sobre o funcionamento de um tipo de discurso psicanalítico e sobre sua ânsia pela ontologização. Trata-se de ver como vários aspectos da psicanálise escapam ao processo psicanalítico.

O objetivo aqui é trabalhar a psicanálise pelo seu exterior: pelo seu confronto à alteridade da clínica, da história e das outras teorias. Isso, no entanto, não significa que haja um interior e um exterior ao processo psicanalítico que possa ter lugar tanto numa sessão clínica quanto fora dela, nem que haja um interior e um exterior da teoria circunscrito por uma iniciação esotérica reservada aos/às psicanalistas. Contudo, existe, infelizmente, um fechamento à clínica, à história e à transdisciplinaridade que constitui o cerne de um discurso psicanalítico oposto a qualquer alteridade. É este fechamento que gostaria de evidenciar aqui para analisar a dogmatização das práticas e das teorias.

Começarei abordando as posições de alguns/algumas psicanalistas dos anos 2000, para estudar o que revelam sobre o funcionamento da teoria psicanalítica e sobre a sua historicidade. Destacarei a centralidade, várias vezes descartada, do processo analítico na direção da cura e na teorização. Recordarei a seguir as diversas posições de Freud sobre as homossexualidades, para apontar a multiplicidade discursiva que ele desenvolve, e diferenciá-la das posições psiquiátricas do século XIX. A apresentação de várias das críticas que Foucault dirige à psicanálise permitirá refletir sobre as formas de resistência da psicanálise a si mesma. O alvo será perguntar como manter uma dimensão propriamente psicanalítica no discurso e na clínica psicanalítica.

A reedição desse livro dez anos depois da sua primei-

ra edição me convoca numa posição particular. Se retomo a noção de "homossexualidades", é para reverter o estigma dessa designação realizada primeiro pela psiquiatria. Não acredito hoje em dia que a "homossexualidade" corresponda a uma identidade subjetiva, nem que exista qualquer posição subjetiva de gay ou lésbica que seja independente de uma prescrição social. Embora seja preciso reivindicar essas identidades na hora da luta coletiva contra a discriminação. Não acredito que exista sexualidade fixa, nem que haja uma distinção tão marcada entre as dissidências sexuais. Contra a norma cis-hetero-patriarcal, existe uma fluidez *queer*. Além das importantes diferenças de exposição à vulnerabilidade — pessoas trans sendo frequentemente muito mais ameaçadas —, a fluidez *queer* abarca qualquer posicionamento de gênero e/ou sexualidade que desacredite na rigidez das identidades acunhadas pela binariedade colonial cis-heteropatriarcal. Não deixemos que essa rigidez ganhe também as nossas desidentificações...

Hoje em dia, acho importante também abordar esse tema de forma interseccional. O enfoque interseccional procura analisar a construção de posições minoritárias considerando as diferentes experiências de dominação em termos de gênero, classe, raça, sexualidade, idade, nacionalidade, religião e capacidade, cada uma das quais é historicamente construída e circunstanciada num espaço e tempo específicos. Essa abordagem convida a abandonar uma leitura estritamente aditiva ou cumulativa da dominação e considerar processos sociais plurais, móveis e imbricados. Em outras palavras, nas relações sociais de poder, as posições de privilégio ou marginalização são variáveis, historicamente construídas, dinâmicas e interconectadas. Num contexto ocidental pós-imperial, pode acontecer que gays e lésbicas brancos/

as sejam reintegrados/as no modelo neo-liberal imperialista como figuras centrais, em estratégias de *pinkwashing* ou de homonacionalismo.

Se existe uma considerável homofobia incontestavelmente espalhado no mundo inteiro, hoje em dia, partidos de extrema direita podem recorrer à promoção de uma homossexualidade branca ocidental civilizada oposta a suposta homofobia de "povos selvagens" opostos às relações homoafetivas. Isso é recordado por Natacha Chetcuti-Osorovitz quando ela ressalta a forma como a raça é produzida a partir de um processo de controle da sexualidade (Chetcuti-Osorovitz, 2014). Se na França a mídia e os políticos de ultradireita se opuseram ao casamento igualitário (*Mariage pour tous/tes*) ou a questões de gênero sob o pretexto de que a indiferenciação de gênero está colocando a nação em perigo, eles também instrumentalizaram a igualdade entre gêneros e sexualidades para condenar a imigração. Os/as imigrantes foram apresentados/as como intolerantes à diversidade sexual, uma atitude que, por sua vez, colocaria a nação em perigo. A categoria da homossexualidade não ocupa aqui a mesma posição na constituição da identidade nacional para os/as delatores/as da "ideologia de gênero" ou para aqueles/as que condenam a imigração: os/as gays e lésbicas "nacionais" são alternadamente expostos/as à vulnerabilidade de gênero e sexualidade e apresentados/as como modelos superiores de branquitude. Portanto, é preciso analisar essa instrumentalização de uma suposta luta contra a homofobia por programas e desígnios abertamente racistas e xenofóbicos.

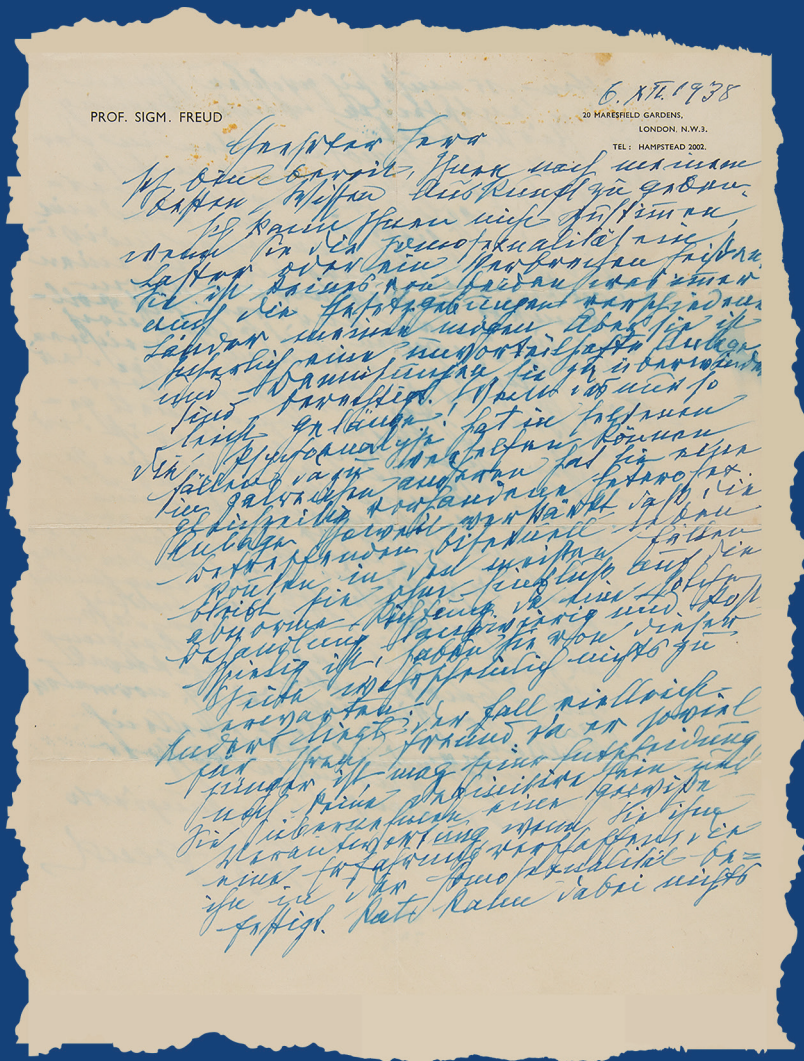
Dez anos depois da primeira edição desse livro, tive que reescrever várias passagens. Primeiro porque considero (ou pelo menos espero) que o meu português não seja tão rudi-

mentar como há dez anos. Porém, mais fundamentalmente, tive que revisar vários pontos de vista, num verdadeiro dilema: fidelidade a uma etapa transcorrida do meu pensamento ou à forma, transformada, que tem atualmente? Embora o meu tom fosse um tanto tímido há dez anos, não quis alterá-lo completamente. Hoje, estaria muito menos cauteloso: teria descartado de um toque de mão e com o maior desdém tantas teorizações rançosas, retrógradas e hediondas. O envelhecimento traz mais confiança, menos titubeação, mais clareza. Não se discute com fascistas. Contudo, ao reler posições de psicanalistas nos anos 2000, abertamente homofóbicas, transfóbicas, sexistas e sumamente coloniais, me dou conta que são totalmente congruentes com o período atual de fascização mundial, no qual as extremas direitas assumiram o poder numa maioria de países das Américas, da Europa e do resto do mundo. Que certa psicanálise de vinte anos atrás — e parte da psicanálise atual, infelizmente — se revele tão reacionária, é impactante: mais assombroso é o fato que vários desses argumentos esquálidos continuam desenvolvidos. Por isso, foi importante recordá-los. O perigo continua, no mundo e na psicanálise, que não cresce numa torre de marfim apartada da realidade exterior, não provém das puras esferas da elaboração e dos sujeitos os mais esclarecidos, mas permanece enraizada, enquanto prática humana, nas mais explosivas pulsões e relações sociais de poder.

Psicanálise e homossexualidades

Teoria, clínica e biopolítica

2ª edição - Revista e reconfigurada



INM Editora

Thamy Ayouch